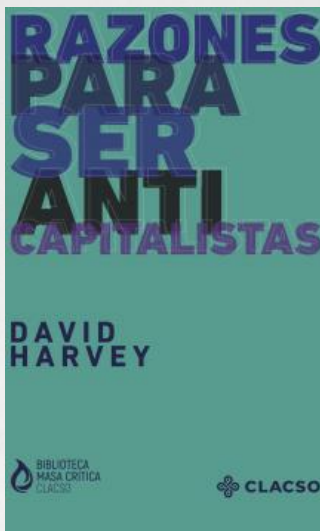


RESENHA
Razones para ser anticapitalistas

*Haydeé Tainá Schuster*¹
Universidade Federal de Mato Grosso



HARVEY, David. *Razones para ser anticapitalistas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

SCHUSTER, Haydeé Tainá. **Razones para ser anticapitalistas (Resenha)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (18): 293-296, setembro a dezembro de 2021. ISSN: 2358-5587

¹ Psicóloga graduada pela Universidade de Várzea Grande, mestre em Antropologia Social pela UFMT e doutoranda em Saúde Coletiva pela UFMT.

A presente obra é a transcrição de uma conferência proferida por David Harvey em 2019, fruto de uma parceria do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais e do Transnational Institute, que põe à disposição, de forma livre e gratuita, obras introdutórias que possuem como fundo a discussão as múltiplas formas que o capitalismo pode exercer violência.

Diante dessa proposta, o autor David Harvey explana de maneira didática e fluída os pontos de tensão do capitalismo em relação à violência, dialogando com pensadores contemporâneos e corroborando com as previsões de Marx acerca do desenvolvimento do capitalismo. Para tais diálogos ocorrerem o autor parte de sua zona epistemológica localizada na geografia crítica e nas atualizações acerca do marxismo, tangenciando as discussões propostas pela Antropologia Urbana acerca do mesmo assunto (MUSSE, 2014).

Dessa maneira, Thomas Marois que prefacia o livro, aponta para a influência que Harvey exerce sobre teóricos marxistas modernos que buscam além da teoria, produzir práticas emancipatórias que sejam impulsionadas pelas coletividades, compreendendo “a relação entre os processos urbanos e a acumulação do capital (...) questionando o que está ocorrendo com o capital hoje e qual são suas contradições”².

Tais relações supracitadas fazem parte das primeiras páginas da obra, retomando a ideia de que a expansão geográfica supera a mera urbanização e emerge do que o autor chama de *geografia do capital*. Theodor Adorno (1985) já anunciava em seus escritos tal crise de identidade do homem moderno que inclui não só o elemento da globalização – o vai e vêm de modos de ser – mas também a percepção de tempo espaço suprimidos. Ao encontro disso, Harvey explana sobre a característica principal que movimenta a economia: “a obsolescência imediata de absolutamente tudo”, inclusive dos modos de existir no mundo (:54).

Esses modos de existir no mundo são um dos objetos do marxismo que, sobretudo, aponta para os *modus operandi* das relações sociais que incluem a soberania do materialismo produzido através de tais relações (NOBRE 1999). Inspirado por essa teoria, Harvey (:34) compreende que as construções urbanas são a materialização do capitalismo e que a cidade se torna o palco das relações sociais.

Partindo dessa premissa, a obra segue apontando as estruturas do capital e que estas por si só já são as razões para ser anticapitalista. Primeiramente, porque o sistema capitalista não é governado por pessoas, mas sim por abstrações e que tais abstrações existem independentes da consciência individual acerca dela. O fluxo do capitalismo pretende responsabilizar os sujeitos utilizando a prerrogativa da liberdade individual, enquanto Harvey aponta para o caminho inverso: uma situação coletiva que emancipe seus indivíduos (:40).

² Todos os excertos da obra resenhada que estão em citação direta são traduções livres da autora.

Esse movimento é percebido anteriormente por Adorno (1985), que lança em seus escritos os questionamentos relacionados à barbarização³ do sistema capitalista em conjunto com a crescente perda de humanidade. Apesar de tais colapsos, tanto Adorno (1985) quanto Harvey (2020) atualizam a premissa de que o capital cresce num sistema de espiral infinita e que utiliza de mecanismos para se fortalecer mesmo diante de uma aparente extinção.

A obra segue exemplificando momentos de rupturas motivados por ações coletivas. Tais ameaças de extinção puderam ser percebidas com algumas revoluções atuais, como no Chile, Brasil, Estados Unidos e Turquia. Essas rupturas nem sempre estão ligadas ao desejo de uma sociedade socialista ou marxista, mas a tentativa de agenciamento diante da violência que o capitalismo exerce sobre a população (:40).

Seguindo o ritmo de explanação acerca das engrenagens do capitalismo, o autor chega ao ponto alto da conferência: as razões para ser anticapitalista. Primeiramente por um motivo que nem Marx havia previsto: o crescimento da exploração dos recursos naturais em razão do avanço da economia. A modificação da cultura do tempo maximizou a exploração humana e da natureza na medida inversamente proporcional ao tempo necessário e isso não só a atividade laboral (como previra Marx), mas também ao conteúdo intelectual, “o capitalismo absorve o tempo e o destrói” (:61).

O crescimento urbano desenfreado para abrigar trabalhadores em conjunto com a destruição do meio ambiente são catastróficamente fatais, pois “o capital tornou-se grande demais para falhar e monstruoso demais para se manter” (:65).

Nesse aspecto, o autor também insere a discussão do que seria então a modificação da natureza e o que seriam os contornos da sociedade, uma vez que são conceitos cruciais para entender a dominação e exploração nas relações. Em direção às correntes antropológicas que discutem tais categorias, podemos incluir as discussões de Ingold que percebe “o domínio social e biológico sendo um só” (2005: 9).

Isso inclui as modificações que realizamos a fim de garantir a sobrevivência da frágil espécie que somos sendo então a própria natureza que conhecemos fruto de intervenções humanas e parte da cultura. Isso significa então, perceber que não há natureza em sua originalidade (HARVEY, 2020; INGOLD 2005).

Nesse cenário paradoxal de crise e crescimento do capitalismo, a emancipação só se torna possível diante da criação de um mundo alternativo a partir de onde estamos apontando sempre em direção à potência do movimento coletivo.

Recebido em 26 de maio de 2021.

Aprovado em 30 de setembro de 2021.

³ Para Adorno, a barbárie é a mais clara característica de perda de humanização.

Referências

- ADORNO, Theodor W. ; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- HARVEY, David. *Política anticapitalista em tempos de corona vírus*. *Jornal Democracy at work* em 24/03/2020. Acesso em 30/12/2021.
- INGOLD, Tim. *Evolution in four dimensions: genetic, epigenetic, behavioral, and symbolic variation in the history of life*. Cambridge: Mass, 2005.
- MUSSE, Ricardo. David Harvey: para além de uma geografia do capital. *Sociologia e antropologia*, 4 (1), 2014.
- NOBRE, M. *A Dialética Negativa de Theodor W. Adorno*. São Paulo: Iluminuras, 1999.